

EDITORIAL

O positivismo e a pesquisa ‘alternativa’ em Contabilidade

Maria João Major

Nova School of Business and Economics – Universidade Nova de Lisboa, Portugal

E-mail: maria.joao.major@novasbe.pt

1. INTRODUÇÃO

A Contabilidade é uma área vibrante e dinâmica que, nas últimas décadas, tem assumido uma importância ímpar na economia, na sociedade e no mundo em geral. Sua pesquisa se reveste de particular relevância dado o potencial impacto da informação que a contabilidade produz e divulga para a sociedade (nomeadamente, para decisores e *policy-makers*). Contudo, a pesquisa na área tem sido acusada de esterilidade e estagnação. Neste Editorial, proponho-me a fazer um balanço de seu desenvolvimento ao longo do tempo e uma reflexão sobre seus problemas e desafios atuais.

Até a década de 1960, o paradigma teórico e metodológico dominante na pesquisa em Contabilidade era o normativo, o qual se baseava em assunções de que os indivíduos procuram a maximização dos proveitos e processam a informação de forma perfeita, à qual têm acesso a custo zero e sem incerteza (Ryan, Scapens, & Theobald, 2002; Scapens, 2006). A ideia era a de que cabia aos pesquisadores em Contabilidade desenvolver modelos e ferramentas que pudessem ser úteis aos gestores nas empresas e que os ajudassem a tomar decisões. Em outras palavras, os pesquisadores deveriam prescrever soluções e modelos excelentes nos manuais de Contabilidade, modelos estes que, se devidamente implementados pelos gestores (i.e., seguindo as regras e prescrições indicadas), conduziriam as empresas a níveis superiores de performance. A busca de resposta à questão ‘o que os gestores devem fazer?’ ilustra bem as preocupações dos pesquisadores normativos (Scapens, 2006). As deficiências desse paradigma e a irrelevância dos modelos teóricos desenvolvidos durante esse período para as empresas levaram pesquisadores, como Robert Scapens no Reino Unido, a alertar a comunidade acadêmica e científica em Contabilidade sobre a lacuna entre a teoria (manuais) e a prática (empresas) (Scapens, 1994, 2006; Bromwich & Scapens, 2016).

A partir da década de 1970, a pesquisa positivista ou empírica passou a ser o paradigma dominante, em busca de resposta à questão ‘o que os gestores fazem?’, por meio da observação da realidade e do desenvolvimento de leis universais (Ryan et al., 2002). A formulação dessas leis deve obedecer às regras do método científico preconizadas para as Ciências Naturais, de forma que, por meio da explicação dos fenômenos observados, seja possível prever sua ocorrência no futuro. Apesar dos avanços conceituais que o positivismo possibilitou à Contabilidade enquanto ciência, na essência, este tipo de pesquisa se baseou nos mesmos pressupostos da pesquisa normativa. Essa dependência da Contabilidade em relação à teoria econômica neoclássica levou alguns pesquisadores a afirmar que a Contabilidade se tornou uma ‘subárea’ dessa corrente econômica, confinando-se aos seus objetivos e pressupostos (Williams, 2014; Reiter e Williams, 2002; Reiter, 1998).

Para os positivistas, a realidade é uma estrutura concreta, objetiva e externa ao pesquisador suscetível de ser reduzida a variáveis explicativas (independentes) e dependentes por meio de leis que expressam sua relação. A construção de modelos estatísticos complexos associados à utilização de grandes volumes de dados que permitam testar as relações entre as diversas variáveis, expressas em hipóteses previamente formuladas, é descrita como a abordagem metodológica por excelência nesse tipo de pesquisa. As escolas norte-americanas e as revistas acadêmicas dominadas pela corrente econômica neoclássica *Journal of Accounting Research* (JAR), *The Accounting Review* (TAR) e *Journal of Accounting and Economics* (JAE) têm sido as grandes promotoras do positivismo na pesquisa em Contabilidade, baseando o argumento de sua superioridade no rigor que os métodos quantitativos adotados envolvem e no potencial preditivo das teorias formuladas (Ryan et al., 2002; Williams, 2014; Reiter, 1998).

2. EVOLUÇÃO OU ESTAGNAÇÃO?

No entanto, esse tipo de pesquisa tem sido duramente criticado por diversos pesquisadores de várias partes do mundo, nomeadamente da Europa, e em particular por aqueles que se dedicam ao estudo dos fenômenos na contabilidade gerencial (Williams, 2014; Scapens, 2006; Parker, 2012; Hopper & Bui, 2016). Para eles, o domínio do positivismo na pesquisa em Contabilidade comporta problemas graves em termos de desenvolvimento do conhecimento e da inovação na área, impedindo a consideração de questões que metodologicamente não se inseriram na 'lógica positivista' e que não possam ser expressas numericamente (Hopwood, 2007; Hopper & Bui, 2016). Para os críticos do positivismo, o domínio desse paradigma tem conduzido à 'ossificação' e à esterilidade da pesquisa de que os *outputs* científicos dos pesquisadores norte-americanos são, em seu entender, reflexo. Para esses pesquisadores, a simplificação e a redução da realidade por meio de sua quantificação e formulação de hipóteses não têm contribuído para conhecer melhor essa realidade e prevê-la.

A pesquisa do tipo positivista assume que a realidade é bem mais simples do que na verdade o é, procurando isolar relações entre as variáveis observadas do contexto em que existem e estudando-as de forma independente e fechada em gabinete. Esse fato condiciona a contribuição que a pesquisa positivista gera para a explicação da realidade. Apesar disso, uma parte muito significativa da comunidade acadêmica persiste em seu uso. Anthony Hopwood (2007), em sua *'Presidential research lecture'* apresentada na *Annual Meeting of the American Accounting Association* observa a esse respeito:

Cada vez mais a pesquisa contábil está sendo vista como muito cautelosa e conservadora, rígida demais e tradicional, e insuficientemente sintonizada para lidar com o novo e abraçar novas ideias e corpos de conhecimento. Em vez de ficar entusiasmado com as lacunas emergentes em nosso conhecimento, é como se a comunidade acadêmica de contabilidade preferisse se concentrar nas pistas que surgem a partir das tradições de pesquisa existentes. (p. 1370, tradução nossa).

Outro dos pilares nos quais se assentam as críticas à pesquisa positivista se relaciona com o rigor habitualmente atribuído ao positivismo, resultante da adoção de ferramentas matemáticas e de modelos estatísticos sofisticados; o rigor tem sido um argumento utilizado de forma instrumental pelos positivistas para hierarquizar a qualidade da pesquisa e para demonstrar a superioridade do trabalho que realizam. No entanto,

o rigor do positivismo tem sido descrito como um 'mito' por seus oponentes (Williams, 2014). Segundo estes, são dois os aspectos que justificam que o rigor da pesquisa positivista seja questionado. Em primeiro lugar, porque os conceitos ('constructos') em que a Contabilidade se baseia são socialmente construídos (i.e., são interpretativos) como resultado da interação humana. Por exemplo, os conceitos de 'ativo', 'passivo' e 'resultados' são derivados de convenções humanas que, ao longo do tempo, têm sido discutidas e revistas. A existência de convenções implica que a mensuração do ativo, do passivo e dos resultados obrigue a julgamentos de valor, não existindo consenso sobre a forma como esses constructos devem ser quantificados e mensurados. Medir o ativo, o passivo e os resultados, ou qualquer outro constructo da Contabilidade, não é exatamente a mesma coisa que medir os fenômenos nas Ciências Naturais, onde existem medidas naturais (quilômetro, minuto, litro etc.) intrínsecas aos elementos do mundo físico, que permitem mensurar de forma inequívoca e consensual os fenômenos em estudo. Ao contrário na Contabilidade as medidas são, apenas, tentativas de representação numérica de conceitos interpretativos. Apesar disso, os positivistas em Contabilidade baseiam seus trabalhos de pesquisa exclusivamente em números, que não são questionados e contextualizados porque se acredita que refletem a realidade de uma forma total e absolutamente verdadeira. Não é, pois, surpreendente que os *outputs* resultantes da pesquisa positivista sejam, com frequência, acusados de esterilidade e falta de relevância para o conhecimento prático. Como Gillies (2004) refere, embora o mundo físico pareça qualitativo pela diversidade e riqueza de elementos que o constituem, obedece a leis quantitativas precisas. Contrariamente, a realidade de que a Contabilidade se ocupa, ainda que possa aparentar ser objetiva, de fato, compreende questões de índole essencialmente qualitativa, que não são possíveis de serem captadas por meio de modelos puramente matemáticos. Isso significa, em termos práticos, como observa Parker (2012), que frequentemente na Contabilidade, se mede apenas aquilo que não tem importância.

O segundo argumento que os críticos do positivismo usam para questionar o rigor da pesquisa positivista relaciona-se com a complexidade da Contabilidade, enquanto prática social e humana. Esse argumento resulta do fato dos números que expressam a informação contabilística muitas vezes não serem independentes da teoria em análise. Segundo Williams (2014, p. 880), esse

é o “problema do relógio”. O pesquisador exemplifica tal problema por meio de uma experiência sobre os efeitos do consumo de álcool na capacidade de reação motora dos indivíduos. O tempo de reação ao consumo de álcool é medido em um relógio de alta precisão. Os tempos obtidos por meio das medições efetuadas no relógio são os mesmos, independente de virem a rejeitar ou confirmar a teoria que foi usada no estudo. Quer isso dizer que a variável tempo e o relógio que mede essa variável são elementos independentes e exteriores à teoria (e assim deve ser). Em outras palavras, ainda, a forma como o relógio funciona e o tempo é medido não deve depender da teoria. Para Williams (2014), a ‘independência do relógio’ nem sempre se verifica na pesquisa em Contabilidade. Por exemplo, nos estudos sobre manipulação de resultados (*earnings management*), os pesquisadores positivistas usam de forma inquestionável dados que potencialmente sofreram manipulação por parte de gestores na análise das hipóteses referentes à manipulação dos resultados.

3. ABORDAGEM ALTERNATIVA

Esses problemas da pesquisa positivista em seu conjunto têm levado diversos pesquisadores em Contabilidade a se afastar das teorias positivistas e a adotar perspectivas teóricas e metodológicas ‘alternativas’ (Parker, 2012; Hopper & Bui, 2016). Esse movimento de afastamento do paradigma *mainstream*, tal como já referi, tem ocorrido principalmente na contabilidade gerencial, com pesquisadores do Reino Unido e de regiões como a Escandinávia desde o final da década de 1970, assumido um papel de destaque no movimento (Bromwich & Scapens, 2016). Basicamente, esses pesquisadores defendem o pluralismo na pesquisa em Contabilidade por meio da adoção de abordagens teóricas e metodológicas ditas alternativas que possibilitem estudar a Contabilidade no contexto em que esta se insere de forma holística, sem a reduzir a um mero conjunto de variáveis matemáticas.

Na perspectiva dos ‘pesquisadores alternativos’, o positivismo não possibilita a compreensão e explicação profunda do que é observado (i. e., não possibilita a resposta a questões do tipo ‘por quê?’ e ‘como?’), mas essencialmente a descrição e a identificação de regularidades nos fenômenos, o que é algo muito diferente da compreensão. Hopwood (2007) foi um dos pesquisadores que integrou esse movimento e que mais contribuiu para a disseminação do paradigma alternativo, tendo fundado em 1976 a primeira revista acadêmica que teve por objetivo publicar pesquisa em Contabilidade de natureza multidisciplinar (*Accounting, Organizations*

O ‘problema do relógio’ é descrito como algo que afeta uma grande quantidade de estudos na contabilidade financeira. Essa questão é tanto mais grave dada a realidade ser complexa e envolver muitas relações que os positivistas não reconhecem nos números que formam as volumosas bases de dados com que trabalham. Só por meio da consideração e compreensão do contexto em que esses números são produzidos é possível que o pesquisador possa chegar a *outputs* que tenham aderência à realidade. Como refere Williams (2014), “A rigorosa pesquisa contábil pode ser rigorosa, mas atualmente é deficiente na única coisa que esse conceito de rigor exige - a medição rigorosa” (p. 882, tradução nossa).

Em suma, as características intrínsecas à realidade dos fenômenos e das atividades envolvidos na Contabilidade justificam as preocupações e dúvidas quanto ao efetivo rigor que os estudos quantitativos permitem alcançar: o rigor apregoado pelos pesquisadores positivistas pode, afinal, não ser mais do que uma ‘miragem’.

and Society – AOS) (Walker, 2016). Na opinião desse acadêmico, é essencial que a Contabilidade seja estudada no contexto social, econômico, político, institucional e tecnológico em que se insere, de modo que seja possível obter informação rica, detalhada e contextualizada sobre as práticas de Contabilidade. Só dessa forma a realidade pode ser compreendida e constituir uma fonte de iluminação em vez de um dogma. Como observa Hopwood (2007):

Para que o conhecimento seja uma fonte de iluminação e não de dogma, ele deve ter uma dinâmica de mudança. Visto de tal perspectiva, a contabilidade, como prática, pode ser e deve ser constantemente examinada, reexaminada, interrogada e criticada no mundo do conhecimento. Em vez de ser uma disciplina por conta própria, a contabilidade precisa recorrer a uma variedade de fontes de iluminação e compreensão. Tem sido e deve continuar a ser um local de investigação interdisciplinar. (pp. 1370-1371, tradução nossa).

A adoção de uma abordagem metodológica qualitativa de pesquisa, alicerçada em teorias organizacionais e sociológicas, é defendida pelos pesquisadores alternativos. Em oposição ao método científico, baseado na observação, na formulação e no teste de hipóteses e confirmação/rejeição da teoria prevalente, são propostos os métodos naturalísticos, próprios das Ciências Sociais (Parker, 2012). A adoção de métodos naturalísticos, por meio da pesquisa qualitativa, reveste-se de importância maior nesse tipo de pesquisa. Isso significa que o paradigma

alternativo está essencialmente preocupado com o que constitui diferença e é único em oposição à tradição positivista de estudar o agregado e grandes conjuntos de dados. Ontologicamente, os pesquisadores alternativos descrevem a essência da realidade como algo subjetivo, abstrato e complexo, um produto das práticas sociais e humanas; para tais pesquisadores, é impossível quantificar e reduzir a realidade, em oposição ao que acreditam os positivistas (Ryan et al., 2002).

Para compreender a realidade, o pesquisador tem de interagir com a evidência e o *field*, não podendo estudar a realidade à distância, como fazem os positivistas. A realização de estudos de caso (*case-based research*) explanatórios e exploratórios tem sido amplamente recomendada como forma de adquirir conhecimento sobre o específico e o particular, gozando tal método de boa aceitação por parte dos editores de variadas revistas acadêmicas de Contabilidade europeias (p. ex., *Management Accounting Research – MAR*, *European Accounting Review – EAR*, *Accounting and Business Research*, entre outras), australianas (*Accounting, Auditing & Accountability Journal – AAAJ*, *Journal of Accounting and Organizational Change – JAOC*) e neozelandesa (*Qualitative Research on Accounting and Management*). Os estudos de caso preconizados pelo paradigma alternativo são alicerçados em teorias organizacionais e sociológicas, o que lhes permite distinguir-se de meros relatos descritivos de práticas de Contabilidade (Bromwich & Scapens, 2016). É da interação entre a teoria e a prática relatada por meio de estudos de caso que resulta a contribuição para o conhecimento. Teorias de caráter social e organizacional, como a Economia Política, o *Labour-Process*, a *New Institutional Sociology*, o Realismo Crítico e a *Actor-Network*, entre outras, e autores como Habermas e Giddens, são comumente adotados pelos pesquisadores alternativos (Walker, 2016).

A pesquisa baseada no estudo de caso se reveste de grande importância nesse tipo de paradigma, já que possibilita colocar questões profundas relacionadas ao 'por que' e o 'como' da ocorrência de determinadas práticas nas organizações. Questões relacionadas a distribuição de

recursos, relações de poder, classe, gênero, relações entre os indivíduos e, ainda, relações entre as organizações e seus meios envolventes são tópicos analisados por meio do método de estudo de caso (Parker, 2012).

Ao contrário do método científico que parte de grandes volumes de amostras (observações), de modo a produzir generalizações estatísticas para o conjunto do universo, o método de estudo de caso, como referi anteriormente, analisa o particular e o específico com o objetivo de compreendê-lo e construir teorias. Embora não proporcionem generalizações estatísticas, os estudos de caso possibilitam, por meio de sua replicação (procedimento típico da lógica experimental), confirmar se as ilações teóricas produzidas anteriormente são explicativas das práticas observadas. Nesse sentido, é habitual afirmar que o método de estudo de caso produz generalizações, mesmo que de natureza teórica (ou analítica).

Ainda estabelecendo uma analogia entre os métodos quantitativos do positivismo e os métodos qualitativos da pesquisa alternativa, as noções de fiabilidade e de validade próprias da pesquisa positivista (as quais mostram a capacidade dos resultados empíricos serem os mesmos se o estudo for repetido) são substituídas, na pesquisa alternativa, pela noção de credibilidade – que, no contexto da pesquisa qualitativa, significa formular as questões de pesquisa mais apropriadas, recolher a evidência adequada ao estudo desenvolvido e adotar os métodos de pesquisa que permitem obter respostas às questões de pesquisa. Existem testes diversos que possibilitam avaliar se um estudo é ou não crível; o critério da autenticidade (relacionado à existência de evidências de que o pesquisador esteve em campo e recolheu informação sobre os processos em estudo), o critério da plausibilidade (o qual avalia a capacidade dos argumentos serem apresentados de forma lógica a quem os analisa) e, ainda, o critério da relevância (se a pesquisa contribui para o conhecimento teórico e empírico) são os principais critérios usados para testar a credibilidade nesse tipo de pesquisa.

4. DESAFIOS DA TRAJETÓRIA

Ao longo das últimas quatro décadas, a pesquisa alternativa em Contabilidade, baseada em métodos qualitativos, tem florescido e dado frutos, como se pode avaliar atualmente pelo elevado número de conferências, *workshops*, programas doutorais, projetos de pesquisa financiados e revistas acadêmicas na área (Bromwich &

Scapens, 2016). Se esse tipo de pesquisa era alternativo no final do século passado, já não parece ser neste momento e, provavelmente, constitui o paradigma dominante na contabilidade gerencial. Apesar desse dinamismo, existem muitos desafios que se colocam à pesquisa em Contabilidade enquanto área científica.

Em primeiro lugar, porque existem divisões profundas quanto ao que se entende na área como ‘boa ciência’; essas divisões conduziram ao ‘radicalismo científico’ e ao surgimento de ‘tribos’ – ou ‘ilhas’, como Bromwich e Scapens (2016) denominam – centradas exclusivamente em determinadas perspectivas metodológicas e teóricas que negligenciam a análise de questões que se encontrem fora do que definiram como seu campo de estudo. Esse tipo de posicionamento dificulta a inovação na área e induz à perpetuação das mesmas perspectivas teóricas e metodológicas, contribuindo com a situação, que muitos descrevem no presente, de esterilidade na produção de conhecimento.

Recentemente, verificaram-se propostas por parte de alguns pesquisadores para a triangulação teórica e a adoção de *mix methods*, de forma a aproximar e construir uma ponte entre as várias ‘tribos’ de pesquisadores (Modell, 2009; Lukka, 2010). Contudo, essas propostas encontraram diversas barreiras, quer devido aos diferentes pressupostos ontológicos e epistemológicos em que os paradigmas positivista e alternativo se assentam, quer devido às diversas agendas e preocupações dos pesquisadores que defendem esses paradigmas. Na perspectiva dos pesquisadores alternativos, seus colegas positivistas mantêm uma perspectiva fechada e hegemônica quanto ao que acreditam ser ‘boa ciência’, dificultando qualquer tentativa de aproximação (Parker, 2012). A proposta de construção de uma ponte entre positivistas e não positivistas tem sido objeto de crítica; para alguns, essa tentativa de proximidade representa, apenas, o esforço do paradigma alternativo em estar mais perto da lógica dedutiva própria do positivismo, sem que existam sinais do outro lado de tentativas de aproximação às metodologias qualitativas e naturalísticas (Lukka, 2010).

Um segundo desafio que se coloca à pesquisa em Contabilidade está relacionado à sua falta de relevância para a prática e para a resolução de problemas nas organizações e na sociedade em geral (Bromwich & Scapens, 2016). Ambos os tipos de pesquisa parecem apresentar dificuldades no que se refere a essa questão. Nas últimas duas décadas, cada uma dessas tradições intelectuais tem vindo a se centrar quase que exclusivamente em questões de natureza teórica e metodológica, impondo esforços significativos para o desenvolvimento de contributos teóricos, mas negligenciando sistematicamente a produção de conhecimento relevante e útil para a prática. O resultado dessa situação é visível na falta de diálogo, que atualmente se assiste, em geral, entre a comunidade acadêmica, *policy-makers* e a sociedade, bem como no desinteresse pelos acadêmicos em sistematizar os resultados de suas pesquisas recorrendo a uma linguagem simples e acessível

aos gestores e decisores (Bromwich & Scapens, 2016). Nos últimos anos, revistas acadêmicas como a *Management Accounting Research* e *Qualitative Research on Accounting and Management* têm procurado encorajar pesquisa do tipo intervencionista, como forma de aproximar a teoria da prática, mas os resultados, mesmo que encorajadores, ainda são relativamente escassos (veja-se a esse propósito a edição especial publicada pela QRAM em 2010 – volume 7, *issue 1*).

Não posso deixar de mencionar que os desafios (e problemas) com que a pesquisa em Contabilidade se confronta no presente estão diretamente relacionados com a pressão para a produção científica imposta pelas agências de acreditação e financiamento, bem como com a forma de processar a gestão das carreiras universitárias. A pesquisa que é produzida em Contabilidade serve a diferentes propósitos, sendo o instrumento por excelência de avaliação da produtividade das universidades perante agências de acreditação, nacionais e internacionais, e instituições de financiamento, bem como a base de decisões referentes à progressão dos acadêmicos nas universidades. A elevada competitividade a que se assiste hoje em dia entre universidades (com tendência a se intensificar cada vez mais), obriga-as a lutar pelos melhores lugares nos *rankings*, pelas acreditações mais prestigiadas e pelos pesquisadores mais produtivos em termos científicos. O fenômeno da globalização e o aumento da mobilidade internacional de estudantes contribuiu para intensificar a importância dos *rankings*, das acreditações e da reputação das universidades. Nesse contexto, onde o prestígio científico das universidades se mostra crítico, a produção científica (em revistas acadêmicas sujeitas a *peer review* cientificamente prestigiadas) assume grande relevância nas atividades desenvolvidas. Não é, pois, de estranhar que os pesquisadores optem por estratégias conservadoras que lhes permitam alcançar de forma segura e rápida as publicações pretendidas. As questões a estudar e as metodologias adotadas não são escolhidas atendendo a critérios de inovação na produção de conhecimento e ao potencial de contribuição para a prática, mas tendo por base fundamental critérios que assegurem a progressão acadêmica rápida e a reputação científica do pesquisador e das instituições (Ter Bogt & Van Helden, 2014).

A pesquisa de questões aceitas pela corrente *mainstream* que recorrem a metodologias e ao método de pesquisa preconizado por essa corrente são a forma que os pesquisadores encontraram de progredir mais facilmente em termos acadêmicos na hierarquia universitária e de lidar com as pressões científicas colocadas pelos *rankings* e pelas acreditações; os métodos que a pesquisa positivista defende já foram testados nas

décadas passadas e são 'seguros', ao contrário dos métodos inovadores preconizados pela pesquisa alternativa. Esse tipo de estratégia tem sido encorajado pelos diversos intervenientes no sector, nomeadamente reitores das universidades, diretores de escolas e de departamentos,

agências de acreditação e de financiamento; recorrer a esse tipo de critérios é uma forma simples e efetiva de assegurar a legitimidade dos processos em que todos esses intervenientes estão envolvidos.

5. REFLEXÕES FINAIS

Infelizmente, as consequências dessas decisões têm sido muito graves, contribuindo para que se intensifiquem os preconceitos e as barreiras entre os pesquisadores positivistas e alternativos. Devido à crescente importância e ao impacto da Contabilidade na economia, na sociedade e no mundo em geral, urge, contudo, que reflitamos em conjunto como pode a pesquisa na área, em seu conjunto, ser um efetivo instrumento de progresso social e econômico. A existência de 'tribos' ou 'ilhas' de pesquisadores que se negam ao diálogo e que se fecham em torno da discussão de questões de natureza exclusivamente teórica e metodológica em nada contribui para o avanço almejado. Só aceitando que os fenômenos em que a Contabilidade está envolvida são complexos, multidisciplinares e requerem uma análise de diferentes

ângulos, recorrendo a diferentes lentes, será possível iniciar um diálogo prolífico entre os vários pesquisadores, de forma a contribuir efetivamente para a resolução dos problemas na prática. Talvez a crise financeira que tem afetado o mundo nos últimos anos e que tem conduzido a maior pressão e controle por parte das agências financiadoras de pesquisa em relação à forma como os recursos públicos são usados na melhoria da sociedade seja o fator que obrigue a esse diálogo.

Agradecimentos

Este estudo foi financiado por fundos nacionais da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), no âmbito do projeto referência UID/ECO/00124/2013, e por Lisboa, no âmbito do projeto LISBOA-01-0145-FEDER-007722.

REFERÊNCIAS

- Bromwich, M., & Scapens, R. S. (2016). Management accounting research: 25 years on. *Management Accounting Research*, 31, 1-9.
- Gillies, D. (2004). Can mathematics be used successfully in economics? In Fullbrook, E. G. (Ed.), *A guide to what's wrong with economics* (pp. 187-222). London: Anthem.
- Hopper, T., & Bui, B. (2016). Has management accounting research been critical? *Management Accounting Research*, 31, 10-30.
- Hopwood, A. J. (2007). Whither accounting research? *The Accounting Review*, 82(5), 1365-1374.
- Lukka, K. (2010). The roles and effects of paradigms in accounting research. *Management Accounting Research*, 21(1), 110-115.
- Modell, S. (2009). Bridging the paradigm divide in management accounting research: the role of mixed methods approaches. *Management Accounting Research*, 21(2), 124-129.
- Parker, L. D. (2012). Qualitative management accounting research: assessing deliverables and relevance. *Critical Perspectives on Accounting*, 23(1), 54-70.
- Reiter, S. A. (1998). Economic imperialism and the crisis in financial accounting research. *Critical Perspectives on Accounting*, 9(2), 143-171.
- Reiter, S. A., & Williams, P. F. (2002). The structure and productivity of accounting research: the crisis in the academy revisited. *Accounting, Organizations and Society*, 27(6), 575-607.
- Ryan, B., Scapens, R. W., & Theobald, M. (2002). *Research method and methodology in finance and accounting* (2nd edition). London: Thomson.
- Scapens, R. W. (1994). Never mind the gap: towards an institutional perspective on management accounting practice. *Management Accounting Research*, 5(3/4), 301-321.
- Scapens, R. W. (2006). Understanding management accounting practices: a personal journey. *The British Accounting Review*, 38(1), 1-30.
- Ter Bogt, H. J., & Van Helden, G. J. (2014). A pragmatic view on engaged scholarship in accounting research. *Qualitative Research in Accounting & Management*, 11(1), 40-50.
- Walker, S. P. (2016). Revisiting the roles of accounting in society. *Accounting, Organizations and Society*, 49(2), 41-50.
- Williams, P. F. (2014). The myth of rigorous accounting research. *Accounting Horizons*, 28(4), 869-887.